

# Como ajudar a família a recuperar a sua função educativa?

## Responsabilizar- Motivar- Acompanhar

A família, «Igreja doméstica», é lugar primário de educação religiosa, os pais são os primeiros educadores da fé dos seus filhos.

Perante as reais dificuldades, é este o principal desafio que a pastoral catequética familiar tem de encarar: conseguir que a família recupere a sua função educativa e a consciência da sua responsabilidade e capacidade na educação religiosa dos filhos.

Não é coisa fácil. Apresentam-se muitos obstáculos e de diversa índole: falta de motivação, pouca ou nula preparação, a tradição cultural e religiosa, a situação problemática de muitas famílias, a crise generalizada da identidade cristã e de fé. É preciso esforçar-se bastante para que a família assuma o seu papel e volte a ser um lugar efetivo e privilegiado de educação religiosa.

O primeiro grande obstáculo que paralisa com frequência os agentes pastorais é - podemos dizer - partir, inicialmente, de uma atitude resignada e fatalista: «Não podemos fazer nada! Isto é impossível». Se se parte de semelhante convicção, é então que, efetivamente, não se pode mudar nada.

Mas a experiência e a reflexão dizem-nos que é possível quebrar a aparente impenetrabilidade e encontrar vias de solução. Temos a favor um argumento irrefutável: existem *experiências muito positivas* de educação religiosa familiar que nos dizem que é possível. Mas não só isso: dizem-nos também que é possível chegar a um verdadeiro *salto qualitativo* quando a tónica é transferida dos filhos para os pais, quando estes compreendem que o que verdadeiramente está em jogo - mais do que a religiosidade dos seus filhos - é *a sua própria fé, a sua própria fé, a sua identidade cristã, a qualidade cristã da família*. Então a situação transforma-se: não se trata apenas de ajudar os pais na educação e catequese dos filhos, mas sim de empreender a tarefa de uma verdadeira formação cristã dos pais que, naturalmente, também se repercute nos filhos.

Desta forma, para que isto se realize, é de importância capital levar a cabo, como condição indispensável e elemento básico, uma tripla tarefa: *responsabilizar, motivar, acompanhar*.

# Responsabilizar:

## *Para tomar consciência da responsabilidade educativa*

Será necessário antes de mais combater a fácil abdicação educativa, o costume de delegar nos outros a educação religiosa dos filhos e a iniciação nos sacramentos. Esta mentalidade, muito enraizada na tradição educativa e pastoral, não depende apenas da vontade dos pais, mas aprofunda também as suas raízes numa visão clerical da igreja, numa conceção maioritariamente doutrinal da catequese (centrada sobretudo na aquisição de conhecimento) e numa práxis pastoral de cunho paternalista e infantil. Neste contexto não é de estranhar que os pais estejam convencidos de cumprir com o seu dever quando levam os seus filhos à paróquia à escola, para que recebam a correspondente preparação para os sacramentos da iniciação cristã.

Contra esta mentalidade é preciso esforçar-se por consciencializar os pais sobre a sua missão e responsabilidade educativa. E, para que não se assustem, é importante explicar-lhes que não lhes pedimos que sejam tutores ou professores dos seus filhos, transmissores de doutrinas ou inclusive catequistas suplentes perante a incapacidade da instituição paroquial<sup>1</sup>. Não, convidámo-los a ser, nada mais, nada menos, do que *pais cristãos*, capazes de dar bom exemplo, inculcar atitudes e fazer uma leitura cristã dos factos da vida, seguindo o fio condutor dos acontecimentos familiares. Em família trata-se de «uma catequese mais de testemunho do que de ensinamento, mais ocasional do que sistemática, mais permanente do que estruturada em períodos»<sup>2</sup>.

Os pais devem convencer-se de que possuem, inicialmente, uma boa percentagem do que normalmente precisa um catequista para atingir o seu objetivo. O clima afetivo da família e a sua capacidade relacional é tal que coloca os pais numa situação de clara vantagem no momento de empreender a tarefa educativa: «Os pais cristãos devem-se convencer de que não precisam de conhecimentos teológicos especiais, mas sim de assumir de forma simples e com confiança os dons sacramentais da graça que derivam do seu matrimónio»<sup>3</sup>.

A este respeito impõe-se um esforço paciente de *iluminação* e de *convencimento*. Para superar a passividade e a falta de compromisso é preciso ajudar a interiorizar uma nova visão de Igreja, como comunhão e corresponsabilidade, como povo de Deus totalmente sujeito à missão; e a consciência do papel e responsabilidade da família na educação religiosa dos filhos.

As famílias chamadas «disfuncionais», famílias monoparentais, casais de divorciados, de separados, casais em união de «facto», etc., têm um problema delicado. Em princípio, não devem ser excluídas da tarefa educativa com os seus filhos. No fundo, com muita frequência, estas famílias possuem um notável potencial afetivo e educativo, que não deve ficar à margem da solicitação pastoral. Naturalmente, isto não significa considerar estas situações como normais ou, de qualquer forma, eticamente corretas<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Alguns autores, apegados à conceção tradicional da catequese como ensino doutrinal, excluem precipitadamente a família de qualquer possibilidade de ação catequética com os filhos: cf. H. Derroitte, «Les liens entre famille et catéchèse. Montreal-Bruxelas, Novalis-Lumen Vitae, 2006, p.223.

<sup>2</sup> COMISIÓN EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS, La catequesis de la comunidad. Orientaciones pastorales para la catequesis en España, hoy. Madrid, 1983, p.273.

<sup>3</sup> Ibid., p.274.

<sup>4</sup> Cf. H. DERROITTE, «Les liens entre famille et catéchèse», a.c., pp.219-220

# Motivar:

## *para interiorizar e reforçar as motivações*

Na pastoral dos adultos o tema da *motivação*, que é um fator decisivo para que se comprometam em qualquer projeto ou iniciativa, adquire uma enorme importância. No caso da responsabilidade educativa, os pais não suficientemente motivados encontrarão todo o tipo de desculpas para iludir o empenho («Não estamos preparados», «Não temos tempo», «Vocês sabem fazê-lo muito bem», etc.), mas o que não dizem é o que na realidade constitui a raiz profunda da sua recusa: a *sua falta de motivação*, o facto de não verem que está em jogo algo verdadeiramente importante para eles<sup>5</sup>.

Não devemos esquecer que -tratando-se de adultos- a motivação é um *elemento vital, decisivo*, no momento de realizar processos válidos de compromisso e aprendizagem no terreno da formação. Para o adulto, a motivação constitui de facto um fator indispensável para poder entrar e perseverar em projetos de formação ou iniciativas de responsabilidade educativa. A ciência didática ensina-nos que o *fator mais importante* no processo de aprendizagem do adulto é precisamente a motivação<sup>6</sup>, a única capaz de articular vitalmente qualquer proposta operativa com os interesses concretos do adulto: «Motivar um participante para uma tarefa de atualização é identificar a realização do trabalho com a satisfação de uma das suas necessidades fundamentais»<sup>7</sup>.

A motivação tem uma *influência decisiva* nos adultos. Constitui, de facto, uma força que liberta e dirige a energia para a livre aquisição de uma competência, de uma atitude ou de uma capacidade concreta de ação.

Assim sendo, falando em termos gerais, o adulto sente-se motivado para empreender iniciativas de capacitação ou de formação *se vê nelas a sua necessidade e utilidade*. E isto, para além disso, com um certo imediatismo e evidência, com benefício adquirido através do esforço que deve realizar. Não o entusiasmo a perspetiva longínqua de ver mais tarde a utilidade dos seus esforços, nem é suficiente apelar à necessidade de cumprir uma prescrição ou de preencher um processo, etc.

Normalmente, o que estimula um adulto a comprometer-se pessoalmente é, sobretudo, a necessidade de solucionar um *problema concreto* que considera importante para ele (de tipo existencial, ou profissional, ou social, etc.). Nisto distingue-se claramente a sua situação da criança e do jovem, que - geralmente - centram o seu interesse em si próprios como sujeitos, preocupados com o que querem ser no futuro, por adquirir a própria identidade, o seu próprio enriquecimento. O adulto, pelo contrário, pensa sobretudo nos problemas concretos, vitais, existenciais, que tem de resolver.

No nosso caso, motivação mais convincente está *ligada ao dever da educação dos filhos* e à preocupação e interesse pelo seu futuro, pela sua felicidade e pela sua realização na vida. É frequente e normal ouvir um pai ou uma mãe dizerem que, pelos seus filhos, estão dispostos a tudo. Sim, o interesse pelo bem e o futuro dos filhos possui uma *enorme força motivadora* para os adultos, e vale a pena apoiar-se nele e aproveitá-lo adequadamente.

Com um paciente esforço para motivar é possível convencer os pais, por exemplo, da possibilidade de superar a crise da função educativa, de quebrar o «silêncio educativo» que incomoda muitas famílias. Esta penosa situação só se poderá corrigir com a tomada de consciência da própria responsabilidade

<sup>5</sup> Cf. E.ALBERICH/A.BINZ, Catequesis de adultos. Elementos de metodologia. Madrid, CCS, 2005, cap.3

<sup>6</sup> Cf. F. J. Hungs, Theologische Erwachsenenbildung als Lernprozess. Didaktische Grundlegung. Mainz, Grunewald, 1976, p.58

<sup>7</sup> P.GRIEGER, La formazione permanente. 1.Formazione e promozione umana. Milão, Ancora, 1985, p.52.

como pais educadores, já que estamos convencidos de que *sem responsabilidade não há identidade e sem identidade não há educação*. Quer dizer que, para exercer um verdadeiro influxo educativo sobre os filhos, é indispensável, antes de mais, ter clara a própria «identidade», a consciência dos valores em que se acredita, a filosofia de vida que se quer transmitir; e para conseguir isto nada melhor do que sentir o dever de transmitir aos outros esse património da própria identidade, sendo o sentido da responsabilidade educativa a motivação mais potente para saber com certeza o que é preciso comunicar e inculcar.

A implicação dos adultos na educação religiosa dos filhos oferece também aos pais vantagens relevantes, como costuma dizer, incisivamente, o catequista holandês Wim Saris: «Delegando nos outros a educação dos filhos, os pais perdem a melhor ocasião para se manterem jovens e caminharem com o tempo». <sup>8</sup> É preciso saber valorizar a importância e o enorme potencial educativo do diálogo e da colaboração entre jovens e adultos.

Em suma, a tarefa da motivação tem uma importância excepcional, por isso merece a máxima atenção. A experiência confirma-o e convém não perdê-lo de vista: não é preciso ter medo de «perder tempo» no momento de convencer e de motivar.

## ***Acompanhar:***

### ***para não os deixar a andar sozinhos***

Por outro lado, e isto sabem bem os que se dedicam à catequese familiar, não se deve deixar sozinhos os pais perante a sua responsabilidade, abandonando-os à sua sorte. É importante saber oferecer-lhes *ocasiões e espaços de formação, de confronto, de acompanhamento* (às vezes inclusive de substituição). A responsabilidade da educação religiosa dos filhos não está só incumbida aos pais, mas de certa maneira deve ser assumida por toda a comunidade, pelas outras famílias. A experiência concreta demonstra com eloquência que é possível responder a esta urgência educativa com resultados muito positivos e promissores.

A implicação da família nunca deve significar a vontade de descarregar sobre ela a responsabilidade catequética da comunidade cristã, e muito menos a intenção de substituir desta forma a incapacidade da comunidade para garantir uma ação catequética bem organizada. Toda a pastoral das famílias deve estar vitalmente integrada no contexto do projeto pastoral comunitário global (da diocese, paróquia, comunidade religiosa, etc.)<sup>9</sup>

Neste sentido, o fomento de «redes de famílias» tem uma especial importância para favorecer a ajuda mútua, a colaboração e a comunicação recíproca de problemas e experiências<sup>10</sup>.

Tudo isto num clima de grande liberdade e respeito. Que cada um faça aquilo que realmente possa (talvez só 15% ou 40%...). Esta liberdade e respeito devem caracterizar também a atitude dos pais na educação dos seus filhos.

O âmbito da tarefa educativa da família, e especialmente dos pais, é muito vasto. Para sermos mais concretos, vamos concentrar a atenção em três setores ou etapas educativas nos quais o contributo

---

<sup>8</sup> W.SARIS, Dove nasce la Chiesa. Catechesi familiare. Leumann (Turim), Elle DiCi, 1978, p.25.

<sup>9</sup> Cf.G. Routhier, Dichosa catequesis!, o.c., p.37.

<sup>10</sup> Cf.F.Derrotte, «Les liens entre famille et catéchèse», a.c.,p.235.

familiar pode ser decisivo: o despertar religioso na primeira infância(0-8 anos), o acompanhamento familiar no processo de iniciação cristã (9-18 anos) e o diálogo familiar educativo com os adolescentes e jovens.

## O necessário contexto e apoio da comunidade cristã

Por outro lado, também é importante sublinhar que a família precisa do apoio de uma comunidade cristã convincente e evangelizadora. Este é um ponto de referência essencial para que possamos amadurecer e ter bons resultados no que se refere à ação educativa da família.

Não é justo atribuir á família todo o peso da educação religiosa dos filhos. Trata-se de uma preocupação e uma empresa que deve implicar a participação e sensibilidade de toda a comunidade cristã à qual a família pertence<sup>11</sup>.

É necessário que toda a comunidade cristã preste atenção e se mostre disponível para assumir comunitariamente a responsabilidade educadora para as famílias e com as famílias. Nesse sentido, dever-se-á fomentar a *sensibilidade comunitária* destas iniciativas pastorais, para que as famílias, em geral, se sintam acolhidas e respeitadas, e possam expressar toda a sua riqueza e converter a comunidade cristã numa verdadeira «família»<sup>12</sup>.

E isto leva-nos a recordar a necessidade - muito sentida na Igreja de hoje - de forjar *um novo tipo de comunidade cristã*, espaço de fraternidade vivida e de palavra liberta, de dimensão humana, capaz de relações humanas e verdadeiras. Precisamos de refazer e mudar o tecido comunitário da Igreja, fazendo-o para que esta se apresente e seja vivida não só como «sociedade» ou instituição, mas sim, sobretudo, como verdadeira «comunidade».

Em relação a esta exigência destaca-se hoje a importância da *comunidade pequena ou de base* (DGC 263-264), a comunidade de *tamanho humano* que possuiu um forte potencial evangelizador e catequizador. Tem nomes diferentes segundo as regiões ou países (Comunidades Eclesiais de base, *communautés écclesiales vivantes*, *small Christian Communities*, etc.) e são lugares que permitem processos de identificação e partilha de experiências de fé. Todo este anseio comunitário - Denis Villepelet chama-o de *défi communautaire*<sup>13</sup> - traz consigo problemas e exigências. Diz-se nesse sentido - por exemplo - que a paróquia e diocese do futuro deverão ser «comunidades de comunidades». Mas estamos longe de ter encontrado a solução justa: no pulular atual de grupos e movimentos comunitários dão-se com frequência tendências «secretárias», tensões e feridas contra a unidade. Podemos constatar que, com uma certa frequência, em vez de «comunidades de comunidades», o que vemos são «arquipélagos» de comunidades.

Isto não retira que, em suma, a renovação das comunidades cristãs seja uma condição básica para que a dinâmica familiar também tenha o ambiente eclesial que garanta a sua autenticidade .

---

<sup>11</sup> Cf. Ibid.

<sup>12</sup> Cf. C. NOSIGLIA, «La famiglia, luogo della trasmissione della fede», em *Catechesi* 79 (2009-2010), p.27.

<sup>13</sup> Cf. D. VILLEPELET, *L'avenir de la catéchèse*, o.c. , pp.71-86.

Tudo isto nos leva a afirmar que também a catequese, tradicionalmente concebida com perspectivas individuais, se deve converter numa atividade de cariz grupal, comunitário e portanto geralmente intergeracional. Não se exagera quando se ressalta com força, nesta perspectiva, o papel necessário, insubstituível, da comunidade em todo o processo de crescimento na fé. Estamos perante a explícita e necessária «opção comunitária» claramente afirmada no magistério catequético oficial, segundo a qual a comunidade é condição, lugar, sujeito, objeto e meta da catequese (cf. DGC 141, 158, 219-221, 253-257).

Pode-se dizer que «a comunidade autêntica (comunidade que avança) é o melhor texto de catequese»<sup>14</sup>, e que «a comunidade cristã é em si própria catequese viva» (DGC 141). Esta é uma perspectiva que completa e enquadra no seu contexto verdadeiro a ação educativa e catequizadora da família. Enquanto «célula da Igreja» a família precisa de estar amparada e integrada numa realidade comunitária de apoio e de referência eclesial.

*Emílio Alberich Sotomayor*

*Para aprofundar este tema convidamos o leitor a ler a seguinte obra:*

A família lugar de educação na fé?  
Ed. Fundação S. N. E. C., 2011  
***Emílio Alberich Sotomayor***

Pode ser adquirido no SDEC

---

<sup>14</sup> DEPARTAMENTO DE CATEQUESIS (DECAT) [ ... ], Líneas comunes de orientación para la catequesis en America Latina. Bogotá, CELAM, 1986, p.41.